

PERI TYXHS, Sobre a Fortuna, de Plutarco

Luciene Lages Silva

Universidade Federal de Sergipe/UFS-Ita

Vladimir Gonçalves Lachance

Universidade de São Paulo/FE/USP

Recebido em 07/10/2018

Aprovado em 27/11/2018

Plutarco¹, em geral, é identificado como um platonista, argumento pautado entre outras coisas em sua interpretação do *Timeu* e outros tratados polêmicos contra os Estoicos e Epicureus. Certos estudiosos como K.M. Westaway (1922, p. 31) defendem que na mente de Plutarco a filosofia e a religião estão conectadas de modo vital, há, em seu pensamento, uma relação de reciprocidade entre o uso da razão e a piedade para com os deuses. O tratado *Sobre a Fortuna* de Plutarco é um escrito de filosofia ética, de caráter polêmico, em certo sentido, é uma defesa da liberdade humana, notadamente da autonomia intelectual e moral do homem, contra um determinismo nas ações humanas, que poderia identificar a τύχη, *tyche* (fortuna, sorte, acaso)² como ilimitada ou com o destino, excluindo assim qualquer domínio do ser humano sobre a virtude e o vício. Plutarco constrói sua própria teoria a respeito do tema, critica outros autores que lhe pareceram equivocados, tais como estóicos e epicuristas, refutando a doutrina daqueles que consideravam que a τύχη, *tyche*, governava a vida dos homens e defendendo a importância, o valor da εὐβουλία (prudência) e da φρόνησις (inteligência), virtudes indispensáveis para viver bem e feliz. Inclusive, alguns estudiosos consideram o *PERI TYXHS, Sobre a Fortuna*, um escrito da fase madura de Plutarco, na qual se desenvolve parte dos seus trabalhos antiestoicismo. Com relação a aspectos formais da obra, W.R. Paton (1925, p. 197) a considera incompleta e fragmentária; Ziegler (1965, p. 113), por sua vez, destaca certo descuido no desenvolvimento de algumas passagens e considera o conteúdo central fragmentado e inconsistente. Klaerr (1985, p. 231) percebe neste texto uma espécie de plano ou esquema de um tratado mais completo, ou mesmo um roteiro para um possível debate. Becchi (2010, p. 49) diz que o tratado se inicia ex abrupto, sem introdução didática e sem nenhuma preparação nem explicação que esclarece as circunstâncias que levaram Plutarco a tratar deste assunto. Ainda assim, Becchi (2010, p. 47) defende que apesar de curto é interessante, um pequeno tratado em que abundam intertextos com outras obras do próprio Plutarco³. O tom retórico do tratado não é motivo suficiente para considerá-lo como simples

1. Plutarco nasceu pouco antes de 50 d.C. e faleceu depois de 120 d.C. Sua família – nobre e abastada – se estabeleceu na Queronéia.

2. Em termos etimológicos, Pierre Chantraine (1968, p. 1161) afirma que a τύχη deriva do verbo τυγχάνω, a partir do seu infinitivo aoristo τυχεῖν; o Liddell-Scott (1996, p. 1832), por sua vez, traz um longo verbete para τυγχάνω, “acontecer por acaso”, “acontecer de”, “alcançar por acaso”. Resta ainda dois outros sentidos em que o vocábulo τύχη pode assumir: o ato de um ser humano ou o ato de um deus.

3. O *Sobre a Fortuna* não está listado no Catálogo de Lâmprias, aparecendo somente na listagem de Máximo Planudes, no número 18. Posteriormente, foi listado também na edição de Henrique Estefano, na oitava posição.

exercício sofisticado, ou como um παίγνιον – um jogo, ou brincadeira – sobre o tema da τύχη, nem como uma declamação retórica cujo progresso não reflete o pensamento do autor e em que a técnica supera o tema. O tratado também não é uma acusação contra a onipotência da deusa *Tyché* – que sozinha parece dominar o destino dos homens –, nem uma defesa aos ataques empreendidos contra ela, e nem mesmo é uma celebração à deusa – como os tratados de Favorino, Galeno e Luciano, por exemplo⁴. A deusa a quem Plutarco se refere não é a *Tyche* onipotente, mas a “tyche-acaso”, que, sobretudo no período helenístico, se afirmou entre as escolas de pensamento mais modernas – dos epicuristas e dos estóicos –, que, com já foi dito, consideravam que o acaso governava todos os acontecimentos (BECCHI, 2010, p. 47- 48).

Pensada em seu aspecto de divindade, já aparece em Hesíodo (VIII a. C.), na *Teogonia*, v. 360, como uma Oceânide. Já no século VI-V a.C., Píndaro compõe sua *Olímpica XII* dedicada a comemorar às vitórias do corredor Ergóteles de Himera, atleta das corridas de longa distância, em que dirige uma prece à deusa *Tύχη*, a quem atribui o governo dos barcos em alto mar: a vida dos mortais é identificada como uma navegação; os homens estariam portanto sob o poder desta divindade, que lhes guiaria a vida como o mar leva os barcos por meio das correntes. A *Tύχη* aparece também como personificação de uma divindade nas obras de Alcman, Solon e Arquíloco. Ésquilo, o tragediógrafo grego, a inseriu em suas peças, mas, na sua perspectiva, ela deixa de ser uma divindade e recebe o valor de função da divindade – ou seja, a τύχη, se torna um atributo do qual os deuses podem se valer para favorecer ou prejudicar algum indivíduo. Nas *Suplicantes*, v. 87-104, a τύχη surge como um elemento para que os homens percebam a vontade implacável de Zeus. Isto quer dizer que a τύχη passa a ser encarada como responsável por qualquer tipo de acontecimento fruto do acaso, seja ele bom ou mau.

Para finalizar, lembramos que o tratado de Plutarco se inicia com uma citação do tragediógrafo Queremón, que também é interrompida bruscamente para dar início a uma série de perguntas de caráter fortemente retórico. De qualquer modo, a citação de Queremón não é desprovida de motivação, visto que este trecho já possuía um apelo proverbial desde os tempos de Cícero. Ferdinand Dümmler, no século XIX, levantou a hipótese de que Plutarco repetia as argumentações polêmicas de um estóico contra a doutrina de Teofrasto – o peripatético –, tendo em conta a definição de φρόνησις como virtude principal, e as outras virtudes como sendo expressões particulares da φρόνησις. No entanto, Babut (1969, p. 79-83) defende que a preponderância da influência estóica no *Sobre a Fortuna* se revela uma apropriação puramente retórica e não filosófica dos temas estóicos. O *Sobre a Fortuna* apresenta a estrutura de um *reductio ad absurdum* (BECCHI, 2010, p. 52). A tese é a de que, se a *tyché* governa a vida dos homens, então não há espaço para o julgamento justo, para a prudência (εὐβουλία), nem para as boas atitudes; também não há lugar para a inteligência (φρόνησις), nem para as virtudes, que são as artes mais completas. As principais virtudes exaltadas por Plutarco são a prudência e a inteligência. Desse modo, é a falta destas virtudes na sociedade do seu tempo que ele denuncia nos seus tratados, tanto em *Moralia* como em *Vidas*. Uma sociedade em que, na sua visão, tinham desaparecidos os ἄνδρες ἀγαθοί, homens de excelência, uma sociedade em que os filósofos estavam mais preocupados antes em parecer do que ser virtuosos. Para o texto grego, utilizamos a edição de *Les Belles Lettres* estabelecida por Robert Klaerr (1989).

4. Favorino, um autor romano do período helenístico (80-160 d.C.), escreveu um tratado também intitulado *De Fortuna*, mas o seu texto era uma espécie de disputa judiciária em que o autor defendia a deusa Fortuna. Galeno, filósofo romano de origem grega (129-217 d.C.) escreveu o *Protréptico*, em que acusa à deusa *Týche*. Luciano de Samósata, por sua vez, escreveu o *Menipo*, em que faz uma celebração – poderia se dizer, uma exaltação – à deusa. Pausânias, na sua obra *Descrição da Grécia*, no livro IV, 30, menciona a personificação de como uma Oceânide no hino homérico *A Demeter*, no verso 420, mas esclarecendo que Homero não se aprofunda na sua descrição.

ΠΕΡΙ ΤΥΧΗΣ – Plutarco

- 97c 1. <<τύχη τὰ θνητῶν πράγματ', οὐκ εὐβουλία .>>
Πότερον οὐδὲ δικαιοσύνη τὰ θνητῶν πράγματα οὐδ' ἰσότης οὐδὲ σωφροσύνη
97d οὐδὲ κοσμιότης, ἀλλ' ἐκ τύχης μὲν καὶ διὰ τύχην Ἀριστείδης ἐνεκαρτέρησε τῆ
πενία, πολλῶν χρημάτων κύριος γενέσθαι δυνάμενος, καὶ Σκιπίων Καρχηδόνα
ἐλὼν οὐδὲν οὐτ' ἔλαβεν οὐτ' εἶδε τῶν λαφύρων, ἐκ τύχης δὲ καὶ διὰ τύχην
Φιλοκράτης λαβῶν χρυσίον παρὰ Φιλίππου <<πόρνας καὶ ἰχθῦς ἠγόραζε>> καὶ
Λασθένης καὶ Εὐθυκράτης ἀπώλεσαν Ὀλυνθον, <<τῆ γαστρί μετροῦντες καὶ
τοῖς αἰσχίστοις τὴν εὐδαιμονίαν>>; ἀπὸ τύχης δ' ὁ μὲν Φιλίππου Ἀλέξανδρος
αὐτός τε τῶν αἰχμαλώτων ἀπέχετο γυναικῶν καὶ τοὺς ὑβρίζοντας ἐκόλαζεν, ὁ
97e δὲ Πριάμου δαίμονι κακῶ καὶ τύχη χρησάμενος συνεκοιμᾶτο τῆ τοῦ ξένου
γυναϊκί, καὶ λαβῶν αὐτὴν ἐνέπλησε πολέμου καὶ κακῶν τὰς δύο ἡπείρους; Εἰ γὰρ
ταῦτα γίνεταί διὰ τύχην, τί κωλύει καὶ τὰς γαλαῖς καὶ τοὺς τράγους καὶ τοὺς
πιθήκους συνέχεσθαι φάναι διὰ τύχην ταῖς λιχνείαις καὶ ταῖς ἀκρασίαις καὶ ταῖς
βωμολοχίαις;
2. Εἰ δ' ἔστι σωφροσύνη καὶ δικαιοσύνη καὶ ἀνδρεία, πῶς λόγον ἔχει μὴ εἶναι
φρόνησιν, εἰ δὲ φρόνησις, πῶς εὐβουλίαν μὴ εἶναι; Ἡ γὰρ σωφροσύνη φρόνησις
τίς ἐστίν, ὡς λέγουσι, καὶ ἡ δικαιοσύνη τῆς φρονήσεως δεῖται παρουσίας'
μᾶλλον δὲ τὴν εὐβουλίαν καὶ τὴν φρόνησιν ἐν μὲν ἡδοναῖς ἀγαθοῦς
παρεχομένην ἐγκράτειαν καὶ σωφροσύνην καλοῦμεν, ἐν δὲ κινδύνοις καὶ πόνοις
καρτερίαν καὶ ἀνδραγαθίαν, ἐν δὲ κοινωνήμασι καὶ πολιτείαις εὐνομίαν καὶ
97f δικαιοσύνην. Ὅθεν εἰ τὰ τῆς εὐβουλίας ἔργα τῆς τύχης δικαιοῦμεν εἶναι, ἔστω
τύχης καὶ τὰ τῆς δικαιοσύνης καὶ τὰ τῆς σωφροσύνης, καὶ νῆ Δία τὸ κλέπτειν
τύχης ἔστω καὶ τὸ βαλλαντιοτομεῖν καὶ τὸ ἀκολασταίνειν, καὶ μεθέμενοι τῶν
οἰκείων λογισμῶν εἰς τὴν τύχην ἑαυτοὺς ἀφῶμεν ὥσπερ ὑπὸ πνεύματος πολλοῦ
κονιορτὸν ἢ συρφετὸν ἐλαυνομένους καὶ διαφερομένους. Εὐβουλίας τοίνυν μὴ
οὔσης, οὐδὲ βουλήν εἰκὸς εἶναι περὶ πραγμάτων, οὐδὲ σκέψιν οὐδὲ ζήτησιν τοῦ
συμφέροντος, ἀλλ' ἐλήρησεν εἰπὼν ὁ Σοφοκλῆς ὅτι
98a <<πᾶν τὸ ζητούμενον
ἀλωτόν, ἐκφεύγει δὲ τάμελούμενον>>,
καὶ πάλιν αὖ τὰ πράγματα διαιρῶν
<<τὰ μὲν διδακτὰ μανθάνω, τὰ δ' εὐρετὰ
ζητῶ, τὰ δ' εὐκτὰ παρὰ θεῶν ἠτησάμην>>.
Τί γὰρ εὐρετόν ἢ τί μαθητόν ἐστίν ἀνθρώποις, εἰ πάντα περαίνεται κατὰ τύχην;
Ποῖον δ' οὐκ ἀναιρεῖται βουλευτήριον πόλεως, ἢ ποῖον οὐ καταλύεται συνέδριον
βασιλέως, εἰ ὑπὸ τῆ τύχης πάντ' ἐστίν, ἢν τυφλὴν λοιδοροῦμεν, ὡς τυφλοὶ
98b περιπίπτοντες αὐτῆ; Τί δ' οὐ μέλλομεν, ὅταν, ὥσπερ ὄμματα τὴν εὐβουλίαν
ἐκκόψαντες αὐτῶν, τοῦ βίου τυφλὴν χειραγωγὸν λαμβάνωμεν;
3. Καίτοι φέρε λέγειν τινὰ ἡμῶν ὡς τύχη τὰ τῶν βλεπόντων πράγματα, οὐκ
ἴσως οὐδ' <<ὄμματα φωσφόρα>>, φησὶ ὁ Πλάτων, καὶ τύχη τὰ τῶν ἀκουόντων,
οὐ δύναμις ἀντιληπτικὴ πληγῆς ἀέρος δι' ὧτὸς καὶ ἐγκεφάλουπροσφερομένης
καλὸν ἦν, ὡς ἔοικεν, εὐλαβεῖσθαι τὴν αἴσθησιν. Ἀλλὰ μὴν τὴν ὄψιν καὶ ἀκοὴν
καὶ γεῦσιν καὶ ὄσφρησιν καὶ τὰ λοιπὰ μέρη τοῦ σώματος καὶ <τάς> δυνάμεις
98c αὐτῶν ὑπηρεσίαν εὐβουλίας καὶ φρονήσεως ἢ φύσις ἤνεγκεν ἡμῖν, καὶ
<<νοῦς ὄρη καὶ νοῦς ἀκούει, τὰ δ' ἄλλα κωφὰ καὶ τυφλά>>.
Καὶ ὥσπερ, ἡλίου μὴ ὄντος, ἔνεκα τῶν ἄλλων ἄστρων εὐφρόνην ἂν ἤγομεν, ὡς

Sobre a Fortuna – Plutarco

1. “A Fortuna é assunto dos mortais, não a prudência.”
Nem a justiça, nem a igualdade, nem a temperança, nem o decoro são assuntos dos mortais,
mas a partir da fortuna e certamente por causa da fortuna Aristides permaneceu na pobreza,
podendo ter sido senhor de muitas riquezas, e Cipiãoⁱ, tendo tomado a Cartago, não capturou
nem viu nada dos despojos, e a partir da fortunaⁱⁱ e também por causa da fortuna Filocratesⁱⁱⁱ,
após receber ouro da parte de Filipe, “comprou prostitutas e peixes”, e Lastenes e Eutocrates
arruinaram Olintos, “medindo a felicidade pela barriga e pelas desonras”?^{iv}
Então, por causa da fortuna que o filho de Filipe, Alexandre^v, tanto manteve a si mesmo
longe das mulheres cativas como castigou os ultrajadores, e o filho de Príamo, tendo sido
aconselhado por um gênio mau e pela fortuna, dormia com a mulher do estrangeiro, e,
tendo raptado-a encheu completamente de guerra e de males as duas terras? Se, pois, es-
tas coisas acontecem por causa da fortuna, o que impede de dizer que tanto as doninhas,
como os bodes e os macacos por causa da fortuna estão presos às gulas, às incontínuas
e às obscenidades?
2. E se existe temperança, justiça e virilidade, como pode ser razoável não existir a inte-
ligência, e se existe a inteligência, como não existir a prudência? Pois, a temperança é
uma inteligência, como dizem, e a justiça precisa da presença da inteligência: e mais,
a prudência e a inteligência que produz homens bons no meio dos prazeres chamamos
de autocontrole e temperança, e nos perigos e trabalhos chamamos de perseverança e
bravura, e nos assuntos públicos e nos direitos de um cidadão chamamos de boa ordem
e justiça. Portanto, se sentenciamos que os trabalhos da prudência são da fortuna, seja
da fortuna também os trabalhos da justiça e da temperança, e, por Zeus, seja da fortuna
o roubo e o furtar bolsas, e o entregar-se a uma vida desregrada; e renunciando aos ra-
ciocínios pessoais, nos abandonemos à fortuna, como uma nuvem de poeira ou detritos
sendo movida e transportada pelo vento forte. Pois não havendo prudência, não há como
existir conselho razoável a respeito dos assuntos, nem reflexão, nem busca do vantajoso,
mas Sófocles foi insensato dizendo que:
“Tudo o que é procurado é alcançável,
e o que é negligenciado foge”,
e novamente distinguindo as circunstâncias:
“Então, o que pode ser ensinado eu aprendo, o que pode ser descoberto eu procuro, e o que
pode ser desejado eu peço para os deuses”.
Pois o que pode ser descoberto ou o que pode ser aprendido pelos homens, se todas as coisas
são limitadas pela fortuna? E que tipo de conselho de cidade não é destruído, ou que tipo de
assembléia de rei não é dissolvida, se todos estão sob o domínio da fortuna, que nós censu-
ramos cega, e como cegos tropeçamos nela? E o que não podemos fazer sempre que, como
quando a prudência extirpando de nós mesmos a vista, tomemos um cego como guia da vida?
3. De fato, suponha que algum de nós diga que a fortuna é a causa dos que vêem, não a visão nem
os “olhos portadores de luz”, como disse Platão, e a fortuna é a causa dos que ouvem, não uma
faculdade capaz de apreender o sopro do ar por meio do ouvido e conduzir ao cérebro: bom se-
ria, como parece, ter cuidado com os sentidos. Mas, de fato a natureza nos concedeu a visão e
a audição e o paladar e o olfato e os outros órgãos do corpo e as suas faculdades para auxílio da
prudência e da inteligência, e
“a mente vê e a mente escuta, o resto é surdo e cego”.
E se não houvesse o sol, por causa das outras estrelas poderíamos manter a noite, como disse

- φησιν Ἡράκλειτος, οὕτως ἔνεκα τῶν αἰσθήσεων, εἰ μὴ νοῦν μηδὲ λόγον ὁ ἄνθρωπος ἔσχεν, οὐδὲν ἂν διέφερε τῷ βίῳ τῶν θηρίων. Νῦν δ' οὐκ ἀπὸ τύχης οὐδ' αὐτομάτως περίεσμεν αὐτῶν καὶ κρατοῦμεν, ἀλλ' ὁ Προμηθεύς, τουτέστιν ὁ λογισμὸς αἴτιος·
- <<ἵππων ὄνων τ' ὄχεϊα καὶ ταύρων γονὰς
δοὺς ἀντίδουλα καὶ πόνων ἐκδέκτορα>>,
98d κατ' Αἰσχύλον. Ἐπεὶ τύχη γε καὶ φύσει γενέσεως ἀμείνονι τὰ πλεῖστα τῶν ἀλόγων κέχρηται. Τὰ μὲν γὰρ ὤπλισται κέρασι καὶ ὀδοῦσι καὶ κέντροις, <<αὐτὰρ ἔχίνοις - φησὶν Ἐμπεδοκλῆς - ὄξυβελεῖς χαῖται νώτοις ἐπιπεφρίκασι>>,
καὶ ὑποδέδεται καὶ ἡμφίεσται φολίσι καὶ λάχναις καὶ χηλαῖς καὶ ὄπλαϊς ἀποκρότοις· μόνος δ' ὁ ἄνθρωπος, κατὰ τὸν Πλάτωνα, <<γυμνὸς καὶ ἄοπλος καὶ ἀνυπόδετος καὶ ἄστροτος>> ὑπὸ τῆς φύσεως ἀπολέλειπται.
<<Ἄλλ' ἔν διδοῦσα πάντα μαλθάσσει τάδε>>,
98e τὸν λογισμὸν καὶ τὴν ἐπιμέλειαν καὶ τὴν πρόνοιαν.
<<Ἡ βραχὺ μὲν σθένος ἀνέρος· ἀλλὰ ποικιλίᾳ πραπίδων
δεινὰ μὲν πόντου
χθονίων τ' ἀερίων τε
δάμναται παιδεύματα.>>
Κουφότατον ἵππου καὶ ὠκύτατον, ἀνθρώπῳ δὲ θεοῦσι· μάχιμον κύων καὶ θυμοειδές, ἀλλ' ἄνθρωπον φυλάττει· ἡδύτατον ἰχθύς καὶ πολύσαρκον ὄξυς, ἀνθρώπῳ δὲ τροφή καὶ ὄψον ἐστί. Τί μείζον ἐλέφαντος ἢ φοβερώτερον ἰδεῖν;
Ἄλλὰ καὶ τοῦτο παίγιον γέγονεν ἀνθρώπου καὶ θέαμα πανηγυρικόν, ὀρχήσεις
98f τε μανθάνει καὶ χορείας καὶ προσκυνήσεις, οὐκ ἀχρήστως τῶν τοιούτων παρεισαγομένων, ἀλλ' ἵνα μανθάνωμεν ποῦ τὸν ἄνθρωπον ἢ φρόνησις αἴρει καὶ τίνων ὑπεράνω ποιεῖ; καὶ πῶς κρατεῖ πάντων καὶ περίεστιν.
<<Οὐ γὰρ πυγμαῖοι εἰμὲν ἀμύμονες οὐδὲ παλαισταί,
οὐδὲ ποσὶ κραιπνῶς θέομεν>>,
99a ἀλλ' ἔν παῖσι τούτοις ἀτυχέστεροι τῶν θηρίων ἐσμέν· ἐμπειρία δὲ καὶ μνήμη καὶ σοφία καὶ τέχνη, κατ' Ἀναξαγόραν, σαρκί τ' αὐτῶν χρώμεθα καὶ βλίττομεν καὶ ἀμέλγομεν καὶ φέρομεν καὶ ἄγομεν συλλαμβάνοντες, ὥστ' ἔνταῦθα μηδὲν τῆς τύχης, ἀλλὰ πάντα τῆς εὐβουλίας εἶναι καὶ τῆς προνοίας.
4. Ἄλλὰ μὴν καὶ τὰ τεκτόνων δήπου <<πράγματα θνητῶν>> ἐστί, καὶ τὰ χαλκοτύπων καὶ οἰκοδόμων καὶ ἀνδριαντοποιῶν, ἐν οἷς οὐδὲν αὐτομάτως οὐδ' ὡς ἔτυχε κατορθούμενον ὀρῶμεν. Ὅτι γὰρ βραχεῖα σοφῶς τύχη παρεμπίπτει, χαλκοτύπων τε καὶ οἰκοδόμων, τὰ δὲ πλεῖστα καὶ μέγιστα τῶν ἔργων αἱ τέχναι συντελοῦσι δι' αὐτῶν, καὶ οὗτος ὑποδεδήλωκε·
<<βᾶτ' εἰς ὁδὸν δὴ πᾶς ὁ χειρῶναξ λεώς,
οἷ τὴν Διὸς γοργῶπιν Ἐργάνην στατοῖς
λίκνοισι προστρέπεσθε.>>
99b Τὴν γὰρ Ἐργάνην καὶ τὴν Ἀθηνάν αἱ τέχναι πάρεδρον, οὐ τὴν Τύχην ἔχουσι. Ἐνα μέντοι φασὶν ἵππον ζωγραφοῦντα τοῖς μὲν ἄλλοις κατορθοῦν εἶδει καὶ χρώμασι, τοῦ δ' ἄφροῦ τὴν περὶ τῷ χαλινῷ κοπτομένην χαυνότητα καὶ τὸ συνεκπίπτον ἄσθμα μὴ κατορθοῦντα γράφειν τε πολλάκις καὶ ἐξαλείφειν, τέλος δ' ὑπ' ὀργῆς προσβαλεῖν τῷ πίνακι τὸν σπόγγον ὥσπερ εἶχε τῶν φαρμάκων ἀνάπλεων, τὸν δὲ προσπεσόντα θαυμαστῶς ἐναπομάξαι καὶ ποιῆσαι τὸ δέον. Τοῦτ' ἐντεχνον τύχης μόνον ἱστορεῖται. Κανόσι καὶ στάθμαις καὶ μέτροις καὶ

- Heráclito, assim, por causa dos sentidos, se o homem nem a mente e nem a razão tivesse, em nada diferiria a vida das feras. E agora, não é por causa da fortuna nem espontaneamente que dominamos e nos sobressaímos sobre eles, mas é o Prometeu, ou dizendo de outro modo, é por causa do raciocínio:
- “que nos deu tanto os garanhões dos cavalos e dos asnos quanto às gerações dos touros para nos servir e assumir nossos trabalhos”.
- de acordo com Ésquilo^{vi}. Posto que a maior parte dos irracionais está melhor do que nós no que concerne à fortuna e à natureza da sua geração. Isto é, eles foram equipados com chifres, dentes e ferrões,
- “mas quanto aos ouriços do mar – disse Empédocles – na superfície de suas conchas se levantam espinhos”
- e foram calçados e vestidos com escamas e pêlos e garras e cascos rígidos; mas somente o homem, segundo Platão, “nu e desarmado, descalço e sem roupa” foi abandonado pela natureza.
- “mas um presente suaviza tudo isto”,
- o raciocínio, a atenção e a previdência.
- “Certamente pequena é a força do homem; mas pela diversidade do pensamento ele doma os terríveis animais do mar e o aprendizado sobre os da terra e os do ar.”
- Os cavalos são os mais leves e os mais rápidos, mas correm para o homem; os cães são bélicos e destemidos, mas protegem o homem; o peixe é muito saboroso e o porco selvagem é muito carnudo, mas são alimento e prazer para o homem. O que é maior ou mais terrível de ver do que o elefante? Mas este também se tornou brinquedo do homem e espetáculo do festival público, e aprende tanto as danças quanto os movimentos circulares e as reverências, e não são inúteis tais apresentações, mas a fim de que aprendamos como a inteligência eleva o homem e o faz acima de qualquer um, e como é superior e senhor de todas as coisas.
- “Pois não somos boxeadores nem lutadores excelentes nem corremos rapidamente com os pés”,
- mas em todas estas coisas somos menos afortunados que os animais; mas com a experiência, a memória, a sabedoria e a arte, segundo Anáxagoras, e com a carne deles nos provemos e tiramos o mel e ordenhamos e conduzimos, e tomamos o controle sobre eles, de tal sorte que então de nenhuma maneira é da fortuna, mas tudo é da prudência e da previdência.
4. Mas seguramente também os assuntos dos marceneiros são “assuntos dos mortais”, e os afazeres dos caldeireiros e dos construtores e dos escultores, nos quais nem espontaneamente nem pela fortuna vemos o sucesso alcançado. Pois esta fortuna se insinua insignificante no sábio, no caldeireiro e também no construtor, mas as artes aperfeiçoam os maiores e os mais importantes trabalhos através de si mesmas, e isto sugeriu o poeta:
- “Andai pela estrada agora todo povo artesão,
que reverenciais Ergane de olhos cruéis, filha de Zeus
com as cestas colocadas como oferendas votivas.”
- Pois as artes têm a Ergane^{vii}, Atena, como coadjutora, não a fortuna. Não obstante, diz-se que alguém pintando um cavalo, por um lado, prosperava tanto nas formas e cores quanto nas outras coisas, por outro lado, não prosperando em relação à consistência da espuma talhada ao redor do freio e em relação à respiração que escapava ao mesmo tempo, tanto pinta como apaga muitas vezes, e o resultado é que por raiva joga no quadro a esponja cheia de cores que segurava, e ela, após cair, estampou e produziu o efeito necessário maravilhosamente.
- Este é o único feito artístico da fortuna registrado. Réguas, pesos, medidas e números são usa-

- 99c ἀριθμοῖς πανταχοῦ χρῶνται, ἵνα μηδαμοῦ τὸ εἰκῆ καὶ ὡς ἔτυχε τοῖς ἔργοις ἐγγένηται. Καὶ μὴν αἱ τέχναι μικραὶ τινες εἶναι λέγονται φρονήσεις, μᾶλλον δ' ἀπορροαὶ φρονήσεως καὶ ἀποτρίμματα ἐνδισπαρμένα ταῖς χρεῖαις τὸν βίον, ὥσπερ αἰνίττεται τὸ πῦρ ὑπὸ τοῦ Προμηθεύς μερισθὲν ἄλλο ἄλλη διασπαρῆναι. Καὶ γὰρ τῆς φρονήσεως μόρια καὶ σπάσματα μικρὰ θραυομένης καὶ κατακερματιζομένης εἰς τάξεις κεχώρηκε.
5. Θαυμαστὸν οὖν ἐστὶ πῶς αἱ μὲν τέχναι τῆς τύχης οὐ δέονται πρὸς τὸ οἰκεῖον τέλος, ἡ δὲ πασῶν μεγίστη καὶ τελειοτάτη τέχνη καὶ τὸ κεφάλαιον τῆς ἀνθρωπίνης εὐφημίας καὶ δικαιώσεως οὐδὲν ἐστὶν· ἀλλ' ἐν ἐπιτάσει μὲν χορδῶν καὶ ἀνέσει εὐβουλίᾳ τίς ἐστὶν ἢ μουσικὴν καλοῦσι, καὶ περὶ ἄρτυσιν ὄψων ἢ μαγειρικὴν ὀνομάζομεν, καὶ περὶ πλῦσιν ἱματίων ἢ γναφικὴν· τοὺς δὲ παῖδας καὶ 99d ὑποδεῖσθαι καὶ περιβάλλεσθαι διδάσκομεν καὶ τῆ δεξιᾷ λαμβάνειν τοῦ ὄψου, τῆ δ' ἀριστερᾷ κρατεῖν τὸν ἄρτον, ὡς οὐδὲ τούτων γιγνομένων ἀπὸ τύχης, ἀλλ' ἐπιστάσεως καὶ προσοχῆς δεομένων· τὰ δὲ μέγιστα καὶ κυριώτατα πρὸς εὐδαιμονίαν οὐ παρακαλεῖ τὴν φρόνησιν, οὐδὲ μετέχει τοῦ κατὰ λόγον καὶ πρόνοιας; Ἀλλὰ γῆν μὲν οὐδεὶς ὕδατι δεύσας ἀφήκεν, ὡς ἀπὸ τύχης καὶ αὐτομάτως πλίνθων ἐσομένων, οὐδ' ἔρια καὶ σκύτη κτησάμενος κάθηται τῆ τύχῃ προσευχόμενος ἱμάτιον αὐτῷ καὶ ὑποδήματα γενέσθαι· χρυσίον δὲ πολὺ 99e συμφορήσας καὶ ἀργύριον, καὶ πλῆθος ἀνδραπόδων καὶ πολυθύρους αὐλάς περιβαλλόμενος, καὶ κλίνας προσθέμενος πολυτελεῖς καὶ τραπέζας, οἶεται ταῦτα, φρονήσεως αὐτῷ μὴ παραγενομένης, εὐδαιμονίαν ἔσεσθαι καὶ βίον ἄλυπον καὶ μακάριον καὶ ἀμετάβλητον; Ἡρώτα τις Ἰφικράτην τὸν στρατηγόν, ὥσπερ ἐξελέγχων, τίς ἐστὶν· <<οὔτε γὰρ ὀπλίτης οὔτε τοξότης οὔτε πελταστής>>. Κάκεϊνος· <<Ὁ τούτοις, ἔφη, πᾶσιν ἐπιτάττων καὶ χρώμενος.>>
- 99f 6. Οὐ χρυσίον ἢ φρόνησίς ἐστιν οὐδ' ἀργύριον οὐδὲ δόξα οὐδὲ πλοῦτος οὐδ' ὑγίεια οὐδ' ἰσχὺς οὐδὲ κάλλος. Τί οὖν ἐστὶ; Τὸ πᾶσι καλῶς τούτοις χρῆσθαι δυνάμενον, καὶ δι' ὃ τούτων ἕκαστον ἡδὺ γίγνεται καὶ ἔνδοξον καὶ ὠφέλιμον· ἄνευ δὲ τούτου δύσρηστα καὶ ἄκαρπα καὶ βλαβερά, καὶ βαρύνει καὶ καταισχύνει τὸν κεκτημένον. Ἡ που καλῶς ὁ Ἡσιόδου Προμηθεὺς τῷ Ἐπιμηθεῖ παρακελεύεται <<μή ποτε δῶρα 100a δέξασθαι πὰρ Ζηνὸς Ὀλυμπίου ἀλλ' ἀποπέμπειν>>, τὰ τυχηρὰ λέγων καὶ τὰ ἐκτός· ὡς εἰ παρεκελεύετο μὴ συρίζειν ἄμουσον ὄντα, μὴδ' ἀναγιγνώσκειν ἀγράμματον, μὴδ' ἱππεύειν ἄνιππον, οὕτω παρακελυόμενος αὐτῷ μὴ ἄρχειν ἀνόητον ὄντα, μὴδὲ πλουτεῖν ἀνελεύθερον, μὴδὲ γαμεῖν κρατούμενον ὑπὸ γυναικός. Οὐ γὰρ μόνον <<τὸ εὔ πράττειν παρὰ τὴν ἀξίαν ἀφορμὴ τοῦ κακῶς φρονεῖν τοῖς ἀνοήτοις γίγνεται>>, ὡς Δημοσθένης εἶπεν, ἀλλὰ τὸ εὐτυχεῖν παρὰ τὴν ἀξίαν ἀφορμὴ τοῦ κακῶς πράττειν τοῖς μὴ φρονοῦσιν.

dos em toda parte, para que em lugar algum pareça que as obras são produzidas conforme a fortuna. E de fato alguns dizem que as artes são pequenas inteligências, mais ainda, emanações da inteligência e aparas espalhadas em meio às necessidades da vida, como se diz alegoricamente a respeito do fogo por Prometeu dividido e dispersado em uma e outra parte. Por isso, partes e fragmentos pequenos da inteligência esmiuçada e cortada em pedaços encontram os seus lugares devidos.

5. Sem dúvida é extraordinário como as artes não necessitam da fortuna para sua própria realização, contudo a maior e a mais completa de todas as artes bem como o ponto mais alto da reputação e da justiça humana não tem importância nenhuma. Mas há certa prudência na tensão e afrouxamento das cordas a que chamam música; e com relação ao preparo dos alimentos ao qual nomeamos culinária; e à lavagem de roupas que [nomeamos] bater roupas; e ensinamos as crianças também a colocar os sapatos e a se vestir e a pegar o alimento com a mão direita, e controlar o pão com a esquerda; assim nenhuma destas coisas vêm a ser por causa da fortuna, mas têm necessidade de atenção e de cuidado. E as maiores e mais importantes coisas para a felicidade não requerem a inteligência, nem participam de algo segundo a razão e a previdência? Mas então, ninguém deixa de lado a terra após molhar com água, a fim de que a partir da fortuna e s tijolos surjam, nem tendo adquirido as lãs e o couro se senta suplicando para a fortuna produzir uma peça de roupa e sandálias para ele; e tendo amontoado muito ouro e prata, e tendo se rodeado por uma multidão de escravos e salões com muitas portas, e tendo colocado sofás e mesas muito caros, acredita que com estas coisas, não estando acompanhadas da inteligência, terá a felicidade e a vida abençoada e sem dor e imutável? Alguém perguntava ao general Ificrates, como o pondo à prova, quem ele era: “pois não era hoplita^{viii}, nem arqueiro, nem o peltasta^{ix}”. E ele respondeu: “o que, dizia, comanda e usa a todos estes”.
6. A inteligência não é ouro nem prata nem honra nem riqueza nem saúde nem força nem beleza. Então, o que é? Aquilo que é capaz de servir-se bem de todas estas coisas, e aquilo porque cada uma destas coisas se torna agradável e notável e aproveitável; e sem ela são inconvenientes e infrutíferas e prejudiciais, e também oprime e envergonha o que as possui. Com certeza, o Prometeu de Hesíodo recomenda bem para Epimeteu “nunca aceitar presentes de Zeus do Olimpo, mas enviar de volta”, querendo dizer presentes da fortuna e das coisas externas: como se recomendasse não tocar aulos sendo pouco musical, nem tentar ler sendo analfabeto, nem montar cavalos sendo incapaz de montar, assim recomendando não governar sendo pouco inteligente, nem ser rico sendo avarento, nem casar sendo governado por uma mulher. Pois não apenas “o êxito sem merecimento se torna ocasião de má compreensão para os insensatos”, como disse Demóstenes, mas o ser afortunado sem o merecimento é ocasião de infortúnio para os que não são inteligentes.

ⁱ Otal e López (1985, p. 23) dizem: “Escipion el Africano derrotó a Anibal en la batalla de Zama, em el año 202 a. C., y se convirtió en el gran vencedor de Cartago, la poderosa enemiga de Roma. De sus agrandes victorias en Africa sobre los cartagineses le vino el sobrenombre de Africano”.

ⁱⁱ ἔκ indicando a origem das situações vividas por Aristides e διὰ indicando a causa destas situações. Ou seja, segundo esta visão exposta por Plutarco, a τύχη transitaria por todos os assuntos dos homens, sendo o início de suas ações e também a responsável pelo estado em que o indivíduo se encontraria posteriormente.

ⁱⁱⁱ Filocrates foi um político ateniense que participou de embaixadas enviadas a Filipe da Macedônia. Foi destas tratativas que surgiu a chamada “Paz de Filocrates”: um acordo de paz entre Atenas e a Macedônia, em que o famoso político se destacou como principal negociador. Apesar de ter alcançado êxito na sua missão, Filocrates foi acusado por Demóstenes de ter sido desonesto e fraudulento durante as negociações: Plutarco reproduz o ponto de vista de Demóstenes nesta passagem.

^{iv} Lastenes era chefe da cavalaria de Olinto e Euticrates também ocupava um cargo importante nesta cidade. É dito que os dois teriam traído seu povo abrindo as portas para Filipe da Macedônia avançar, escravizando e deportando os habitantes locais para a Trácia.

^v Alexandre, o Grande. Plutarco escreveu a biografia do grande estadista numa das Vidas, e também analisou sua vida e trabalhos na perspectiva da τύχη no tratado *De Alexandri Magni fortuna au virtute*.

^{vi} *Prometeu Libertado*, peça de Ésquilo que sobreviveu apenas em fragmentos.

^{vii} Epíteto da deusa Atena, quando considerada patrona das artes. De acordo com Chantraine (1968, p. 364) Ἐργάνη deriva de ἔργον, e significa “trabalhador”, “industrioso”, sendo o artista, neste sentido, alguém que realiza um ἔργον.

^{viii} Na Grécia Clássica, o hoplita era o soldado da parte mais pesada da infantaria. Carregava uma armadura composta por elmo, couraça, escudo e cnêmides. As cnêmides são proteções semelhantes às caneleiras usadas pelos jogadores de futebol, mas feitas em bronze, ferro, latão ou couro. O nome “hoplita” (ὀπλίτης) vem do fato deste guerreiro carregar um escudo denominado hóplon (ὄπλον, que tinha cerca de 90 cm de diâmetro e pesava em torno de 7 kg.

^{ix} O guerreiro peltasta era um soldado de infantaria leve na Grécia Arcaica e Clássica. Seu nome deriva do tipo de escudo que carrega, a pelta (πελτη), que era um escudo leve, sem bordas e coberto apenas por pele, de cabra ou ovelha. Este guerreiro não usava armaduras – carregava apenas o escudo e lanças - permitindo que avançasse rapidamente sobre a infantaria pesada do exército inimigo: seu objetivo era abater o maior número de soldados, atacando pelas laterais e, depois disso, recuar o mais rápido possível. Esta técnica de combate se originou na Trácia. Ificrates esteve a frente de um grupo de peltastas que conseguiu aniquilar uma “mora” espartana, que é composta por 576 homens.

Referências

BABUT, Daniel. *Plutarque et le stoïcisme*. (Publications de l'Université de Lyon.) Paris: Presses Universitaires de France, 1969, 598 pp.

BECCHI, Francesco. L'écrit de Plutarque Sur La Fortune: histoire d'une interprétation. In: LEÃO, Delfim F., Frazier, Françoise (eds.) *Tychè et Pronoia: la marche du monde selon Plutarque*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/31664>>.

BERNARDAKIS, G. *Plutarchi Chaeronensis: Moralia*. Lipsiae: B. J. Teubner, 1888.

BUITRAGO, J. P. “La ‘forja del hombre’ en Plutarco”. In: *Revista Educacion XXI*. 10, 2007. pp. 215-238.

CHANTRINE, Pierre. *Dictionary Ethymologique de la langue grecque*. Paris: Editions Klincksieck, 1968.

FRAZIER, Françoise. La marche du monde et les incertitudes de la Tychè. In: LEÃO, Delfim F., Frazier, Françoise (eds.) *Tychè et Pronoia: la marche du monde selon Plutarque*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010. Disponível em: Disponível em: <<https://digitalis.uc.pt/handle/10316.2/31660>>.

KLAEER, Robert. Plutarque, *De la fortune*, «Oeuvres Morales» Tome I, 2e partie, Paris:1989.

LEÃO, Delfim F., Frazier, Françoise (eds.) *Tychè et Pronoia: la marche du monde selon Plutarque*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, S. *Greek-English lexicon*. 9a ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

PATON, William Roger. *Plutarchi moralia recensuerunt et emendaverunt W. R. P. et I. Wegehaupt; prefationem scripsit M. Pohlenz; editionem correctiorem curavit H. Gartner*. Leipzig: 1974.

PLUTARCO. *Obras morales y de costumbres*, vol. II. Introdução, tradução e notas de Concepcion Morales Otal e Jose Garcia Lopez. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

PLUTARCO. *Oeuvres morales*, I. Édité par André Philippon, Jean Sirinelli, Robert Klaerr. Paris, Les Belles Lettres, 1974.

ZIEGLER, Konrat. *Plutarco*. ediz. it. a cura di B. Zucchelli, trad. it. di M. R. Zancan Rinaldini. Brescia: Paideia, 1965.

WESTAWAY, Katharine Mary. *The education theory of Plutarch*. London: University of London press, 1922.